

TABULEIRO DE LETRAS

Será que ensinar gramática com quadrinhos é uma boa ideia?

Teaching grammar with comics: is it a good idea?

Alba Valéria Tinoco Alves Silva¹

RESUMO:

Este trabalho resulta do projeto de pesquisa “Leitura de traços de humor”, desenvolvido desde 2010, no Instituto de Letras da UFBA, e baseia-se nos trabalhos de Barbosa (2009), Koestler (1982), Eisner (1989), Joly (1996), McCloud (1994), Ramos (2009, 2011). O objeto da pesquisa são charges, cartuns e tiras cômicas, usados em livros didáticos; seu objetivo é a ampliação de competências de leitura de alunos universitários, por meio da construção de material didático voltada para a leitura de tais gêneros. O projeto nasceu da percepção da dificuldade apresentada por alunos de graduação na compreensão de tais gêneros. Sua justificativa é a crença de que a capacitação heurística do aluno na leitura de cartuns, charges e tiras cômicas possa tornar-se um instrumental útil no desenvolvimento das habilidades de leitura em si. Isso porque a leitura de quadrinhos carrega para si questões problemáticas da leitura verbal, tais como a intertextualidade, o duplo sentido etc. Uma de suas hipóteses é que o desempenho sofrível de universitários na compreensão de tais gêneros decorre do fato de que, apesar de sua presença nos livros didáticos desde os anos 1990, os quadrinhos estão sendo usados para ensinar gramática e não leitura.

Palavras-chave: Quadrinhos; Cartum; Tira; Charge; Ensino

ABSTRACT:

This paper results from the research project “Leitura de traços de humor”, that has been developed since 2010, at the Language Institute of Universidade Federal da Bahia. Based on the works of Alexandre Barbosa (2009), Arthur Koestler (1982), Will Eisner (1989), Martine Joly (1996), Scott McCloud (1994), Paulo Ramos (2006, 2009, 2011), among others, about images, comics and teaching, the use of comics in text books is analyzed, having in mind the hypothesis that the misunderstanding that some students present in their reading of comics derives from the fact that comics are being used in text books in order to teach grammar not reading.

Keywords: Comics; Cartoons; Teaching; Textbooks; Humor

Introdução

O projeto que dá suporte a este artigo iniciou-se há três anos em uma aula de língua portuguesa para alunos de primeiro semestre de graduação, na Universidade Federal da Bahia.

¹ Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia.
E-mail: albavaleria99@gmail.com.



Na ocasião, para discutir questões relacionadas à diversidade linguística e à construção da identidade cultural, realizou-se uma atividade de compreensão de textos, entre os quais estava o seguinte trabalho de Lor, premiado no 15º. Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em 1988.



Figura 1 – Cartum de Lor, usado em sala de aula para discutir representações do Brasil Local - São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003, p. 120. [PIRACICABA/Todos os Direitos Reservados]

Em uma turma com cerca de 40 alunos, aproximadamente 50% disseram que não conseguiam entender o texto ou deram respostas que apontavam para a não compreensão da charge. Dessas respostas, foram depreendidos os seguintes problemas: a) dificuldades na construção de textos aceitáveis, em termos de parâmetros de textualidade, tais como coesão, coerência, aceitabilidade, informatividade, intertextualidade (cf. VAL, 1999, p. 5); b) desvios de regras ortográficas; c) ausência de concordância, acentuação e pontuação; d) aparente incompreensão do sentido humorístico do texto. Para além das respostas equivocadas, o que realmente deflagrou o projeto foi o depoimento de alguns alunos, que disseram ter medo desse tipo de texto, porque sua compreensão implicava uma espécie de desafio mental que eles não se sentiam capazes de empreender. Além disso, alguns deles disseram que o fato de não ter o hábito de ler esse gênero de texto poderia ser uma das razões para a dificuldade em compreendê-lo.

Poder-se-ia hipoteticamente argumentar que, diante da lista de problemas apontados, a não compreensão do humor talvez seja o menor deles. É um argumento do qual se está ciente, mas não se está de acordo, como se pretende justificar.

Esta justificativa inicia-se pelo fato de que a detecção, análise e diagnóstico dos problemas de leitura e escrita dos alunos universitários é algo que já está sendo feito há algum tempo, como bem assinala a professora Rosa Virgínia Mattos e Silva, no subtítulo de seu livro *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*, em cujo primeiro capítulo, intitulado “Dizem que vai mal o vernáculo no Brasil”, ela trata desse velho problema em uma nova fronteira: o espaço universitário (cf. MATTOS; SILVA, 2004, p. 16).

A mesma autora já tratava dessa questão em um outro texto, “Escolas e normas: o caso brasileiro”, no qual expunha o fato de que o acesso à escola, dado a um maior contingente da população brasileira, a partir da década de 1970, foi, na verdade, um caso de pseudodemocratização do ensino, em face do seu caráter meramente quantitativo (cf. MATTOS; SILVA, 1995, p. 31-51).

Essa percepção de falta de qualidade de ensino se concretiza em dados atualizados da alfabetização no Brasil. Segundo o IBGE, em dados de 2008, embora entre as crianças e adolescentes de 7 a 14 anos o ensino esteja praticamente universalizado (97,6%), em 2007, entre os 28,3 milhões de alunos nessa faixa etária, 2,4 milhões (8%) não sabiam ler e escrever, sendo que 2,1 milhões deles – ou seja, 87,2% dos que não sabiam ler e escrever – frequentavam a escola.

Tal situação, guardadas as devidas ressalvas e proporções, pode estar se refletindo no terceiro grau. Segundo os dados do INEP/MEC para 2004, o número de instituições privadas de ensino superior subiu de 905 (1999) para 1.789 (2004), ou seja, o número praticamente dobrou em seis anos, sendo que, no mesmo período, o número de alunos cresceu na mesma proporção: de 1.537.923 (1999) para 2.985.405 (GARCIA, 2006).

Para resumir a questão, pode-se dizer que tudo o que se apresentava como problemático no Ensino Médio e no Ensino Fundamental, em termos de ensino de língua portuguesa – desvalorização e despreparo de professores; concepções inadequadas do que seja norma popular, culta e padrão; desrespeito à fala do aluno; falta de condições adequadas para o ensino do que quer que seja – chegou à universidade. Em relação às novas fronteiras que tal problema hoje ocupa, portanto, pode-se dizer que se trata de uma “crônica de um problema anunciado”.

Entretanto, mesmo em se tratando de um velho e conhecido problema, ele costuma “mexer” com todas as partes interessadas, como observa Luiz Percival Leme Britto:

Se você quiser deixar um vestibulando de cabelo em pé, fale com ele sobre o exame de redação. Se quiser atiçar os ânimos de um severo professor de gramática, pergunte sobre a qualidade das redações escolares. Se quiser provocar um linguista, diga-me que o “estudante de hoje não sabe mais escrever” (BRITTO, 2006, p. 117).

Em suma, o que se quer salientar com tais referências é que a existência (ou não) de dificuldades de leitura e escrita por parte do aluno universitário não apenas tem sido amplamente discutida, como também já tem provocado algumas propostas concretas voltadas para dirimir tais dificuldades, propostas estas que já estão sendo postas em prática no âmbito de muitas instituições de ensino superior, com a criação de componentes curriculares direcionados, especificamente, para o ensino de leitura e produção de textos.

Embora o sucesso terapêutico do tratamento prescrito, ao que parece, esteja por ser avaliado, a dificuldade do aluno universitário com a leitura e escrita em linguagem verbal é um problema para o qual já se tem em vista algum tipo de anamnese, diagnóstico e prescrição.

Esse aluno, acredita-se, ainda não se deu com a questão da leitura de imagens, particularmente a leitura de imagens humorísticas, que, no âmbito deste texto, compreende charges, cartuns e tiras cômicas². Talvez uma das razões pelas quais ainda não se tenha atentado para a dificuldade dos alunos em lidar com tais gêneros seja a pressuposição de que eles já estejam suficientemente familiarizados com imagens, por meio da televisão, videogames e mídia em geral. Pressupõe-se, além disso, como observa Beatriz Sarlo, que a escola poderia beneficiar-se e aumentar sua eficácia, reutilizando as destrezas que seus alunos aprenderam fora dela: a velocidade adquirida no videogame; a capacidade de compreensão e resposta frente à superposição de mensagens dos *clips*, os conteúdos proporcionados pelos meios de comunicação (SARLO, 2006). Contudo, o que a autora percebe – e que as respostas dos alunos ao cartum da prova corroboram – é que tais destrezas não são suficientes para transformar espectadores de imagens em leitores de imagens.

² Charge, tira cômica e cartum são textos unidos pelo humor, mas diferentes no tocante às características de produção. A charge aborda temas do noticiário e trabalha, em geral, com figuras reais, como os políticos, representadas de forma caricata; a tira e o cartum mostram personagens fictícios em situações igualmente fictícias. O cartum, por sua vez, é mais condensado do que a tira, ele traz em apenas um quadro aquilo que a tira desenvolve em dois ou três quadros (RAMOS, 2009, p. 15-30).

Martine Joly (1996) observa, em *Introdução à análise da imagem*, que a proposta de análise e explicação de imagens costuma provocar suspeitas sobre o que haveria para dizer sobre uma mensagem que parece “naturalmente” legível. Ela observa que é necessário não confundir percepção com interpretação. O fato de reconhecer rapidamente esse ou aquilo motivo em uma dada imagem não implica necessariamente que se esteja compreendendo a mensagem veiculada, uma vez que o motivo pode ter uma significação bem particular, vinculada tanto ao seu contexto interno quanto às expectativas e conhecimentos do receptor. Em outras palavras, o caráter analógico da representação icônica faz com que não se perceba sua face codificada, encoberta sob o manto da analogia e do reconhecimento.

No mesmo texto, Joly (1996) observa também que uma análise não deve ser feita por si mesma, mas a serviço de um projeto. A proposta, aqui esboçada, de uma pesquisa voltada para o estudo e análise de imagens de humor espera estar a serviço da ampliação do repertório de competências de leitura de alunos universitários, e isso se dá por várias razões. A dificuldade de compreensão que os alunos demonstraram na leitura do cartum de Lor (cf. Figura 1) aponta para uma necessidade de letramento (para não dizer alfabetização) imagético. Há uma falta de domínio mínimo das convenções de leitura desse gênero, cujo protocolo implica a necessidade (para não dizer a obrigatoriedade) de levar em consideração, ao mesmo tempo, a imagem e o texto e tudo aquilo a que eles podem eventualmente remeter, tendo em vista um tipo específico de efeito de leitura, no caso, o humor.

Acredita-se, como hipótese de trabalho e como uma das justificativas do tema deste artigo, que a capacitação heurística do aluno na leitura de cartuns, charges e tiras cômicas pode ser uma ferramenta útil no desenvolvimento das habilidades de leitura em si. Isso porque a leitura desse tipo de gênero carrega para si, grosso modo, talvez, justamente as questões mais problemáticas da leitura verbal, tais como a intertextualidade, o duplo sentido, a compreensão da mensagem na sua plenitude etc.

O projeto de pesquisa que embasa este texto conta com instrumentos de coleta de dados, destinados a monitorar a compreensão de textos em quadrinhos e a obter informações dos alunos-informantes sobre seu interesse e sua história de leitura, em relação aos gêneros textuais que estão sendo analisados. Como as oficinas de leitura e produção de textos são oferecidas uma vez por ano, até agora os questionários, em diferentes versões, foram aplicados em quatro turmas destinadas a alunos de primeiro semestre de graduação de diferentes áreas de conhecimento, contabilizando 82 informantes.

Entre os instrumentos de coleta de dados, há um questionário intitulado “Perfil do Informante”, no qual se pergunta ao aluno em que veículos ele costuma ler charges, tirinhas e caricaturas. Algumas respostas mencionam a leitura de quadrinhos às aulas de língua portuguesa e ao ensino de gramática, o que, por sua vez, direcionou o projeto a buscar em livros didáticos de Ensino Médio o modo como a escola tem usado tiras, charges e cartuns, doravante chamados de *quadrinhos*, nas aulas de português.

Quadrinhos na pesquisa e educação

Já se foi o tempo em que pesquisar quadrinhos era considerado lidar com lixo cultural (cf. RAMOS, 2006, p. 1575). Em *Histórias em quadrinhos: um novo objeto de estudos*, Paulo Ramos recupera uma parte fundamental da trajetória das pesquisas sobre os quadrinhos no Brasil, mencionando os primeiros trabalhos realizados na década de 1970, quando eles eram praticamente ignorados pelo meio acadêmico, até a retomada das pesquisas sobre o tema, com renovado vigor, a partir da década de 1990.

Tomando como *corpus* de análise uma compilação dos estudos sobre o tema, publicados na revista *Estudos Linguísticos*, vinculada ao Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), no período de 1995 a 2005, o autor observa que no período foram publicados cerca de dez artigos acerca do tema, versando sobre oralidade, gênero, educação e estratégias textuais, discursivas ou semióticas, de formação de sentido. E conclui dizendo que o escopo limitado do *corpus* não permite conclusões mais amplas sobre a questão, mas é suficiente para apontar uma tendência: “as histórias em quadrinhos se tornaram um novo objeto de estudos linguísticos” (RAMOS, 2006, p 1574-1583).

Vale citar, como exemplo mais recente da produtividade do tema, alguns trabalhos apresentados no *Seminário de estudos do discurso: verbal, não-verbal, verbo-visual*, realizado de 12 a 14 de novembro de 2012, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. No universo de 135 apresentações (conferências, seminários temáticos, comunicações individuais e pôsteres), 6 tiveram como foco algum dos temas mencionados por Ramos e um outro voltado para a questão de gênero e representação/construção de identidade cultural, como se pode observar no título dos trabalhos: *A construção discursiva da baianidade em charges e tirinhas* (SOUZA, 2012); *A construção do humor e a noção de (im)polidez: uma análise de tiras de Mafalda e de mulheres alteradas* (OLIVEIRA, 2012); *Lendo as*

entrelinhas da imagem: reflexões sobre o verbal, o não-verbal e o verbo-visual na produção do humor dos cartuns (SILVA, 2012); *O perfil feminino no discurso da personagem Mafalda* (PEREIRA, 2012); *Personagens infantis de tiras cômicas em suportes diversos: uma questão de circulação, aforização e estereotipia* (GATTI, 2012); *Representações discursivas dos baianos em charges e tirinhas* (ALVAREZ, 2012).

No que tange à educação, também se foi o tempo em que revistas em quadrinhos eram acusadas de seduzir inocentes ou provocar preguiça mental (BARBOSA, 2009, p. 11-16; MOYA; D'ASSUNÇÃO, 2002, p. 49). No texto de Ramos (2006), ele menciona dois fatos que podem ter influenciado as pesquisas sobre os quadrinhos na década de 1990 e que, de certa forma, acabaram por levar a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor: a presença dos quadrinhos nos exames vestibulares e a inclusão da linguagem nas práticas pedagógicas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elaborados pelo Ministério da Educação.

Pode-se dizer que o aval das instâncias oficiais de educação incentivou não apenas o uso efetivo dos quadrinhos em sala aula, mas também fez multiplicar os trabalhos voltados para o ensino da linguagem específica dos quadrinhos, o que Valdomiro Vergueiro chama de “alfabetização” (BARBOSA, 2009, p. 31), e para o ensino de outros componentes curriculares com o uso de quadrinhos (cf. BARBOSA, 2009).

Uma outra iniciativa do Ministério da Educação que favoreceu a consolidação do uso de quadrinhos na escola foi a inclusão, na Matriz Curricular de Referência, de habilidades de leitura relacionadas à leitura do gênero. Na versão de 2007, as habilidades que estariam, mais especificamente, relacionadas à linguagem seriam três, representadas pelos descritores: 5 - *Desenvolver interpretação: integrando o texto e o material gráfico*, 16 - *Perceber efeitos de ironia ou humor em textos variados* e 17- *Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações*. Obviamente que todas elas podem ser adquiridas por intermédio da leitura de outros gêneros, mas o que se quer ressaltar é que os quadrinhos, por sua característica intrínseca de utilizar concomitantemente a linguagem verbal e visual (cf. EISNER, 1989; McCLOUD, 1994; RAMOS, 2011), são particularmente adequados para a formação de leitores mais eficientes em tais habilidades.

Quadrinhos em livros didáticos

Uma consequência dessa mudança de atitude em relação aos quadrinhos é sua presença significativa em livros didáticos voltados para todos os níveis de ensino. No âmbito deste trabalho, considera-se essa presença, a princípio, produtiva para a escola e para os quadrinhos. As razões que os tornam valiosos e as maneiras como podem ser utilizados para o ensino de várias áreas de conhecimento já foram compiladas e explicadas, por exemplo, por Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos, Ângela Rama e outros, em *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula* (cf. BARBOSA, 2009). A escola, por sua vez, pode ter um papel fundamental na formação de novos leitores de quadrinhos, isso sem falar que o livro didático pode significar um importante suporte para a veiculação do gênero, representando um espaço importante no mercado editorial.

Apesar dessa visão otimista em relação ao encontro do ensino com o quadrinho, o problema que suscitou este trabalho girava em torno da hipótese de que, apesar de sua presença constante na escola, os quadrinhos estariam sendo subutilizados, no sentido de que não estão ali a serviço do ensino da leitura e da linguagem dos quadrinhos, mas a serviço de um ensino de língua portuguesa naquilo que isso pode ter de mais normativo e reacionário, ou seja, um ensino preocupado, principalmente, com a manutenção de regras em desuso e com a ideia de que só há uma maneira única de “falar e escrever corretamente”. Tratava-se obviamente de uma hipótese extrema e esperava-se, pelo bem dos alunos, do ensino de português e dos quadrinhos, que os dados não a confirmassem. Vejamos o que eles dizem.

Tendo como fonte quatro livros didáticos, três destinados ao Ensino Médio e um ao 7º. ano do Ensino Fundamental, que estiveram ou estão em uso em colégios públicos e particulares da cidade de Salvador nos últimos três anos, foram compilados dados de ordem quantitativa e qualitativa.

Os primeiros dizem respeito à questão: *Para que os quadrinhos estão sendo utilizados no livro didático?* A resposta foi obtida de maneira muito simples, contando-se a ocorrência de quadrinhos nas seções dos livros, destinadas ao ensino dos principais eixos temáticos nos quais o ensino de língua portuguesa costuma ser dividido. Não se vai entrar aqui na discussão sobre se essa divisão é ou não pertinente. O que se fez foi observar o modo como o conteúdo programático do ensino da língua está organizado nos livros, identificar alguns eixos principais e resumi-los em dois grandes grupos: um denominado Ensino de Texto, o que inclui conceitos de texto, gênero e discurso, leitura e compreensão de diversos gêneros textuais, conceito de texto literário, história da literatura, principais movimentos literários, produção de

diversos gêneros textuais; e o outro foi denominado Ensino de Gramática, o que inclui sintaxe, morfologia, formação lexical, figuras de sintaxe e de pensamento, ortografia etc.

Essa divisão justifica-se porque ela relaciona-se à questão colocada no título deste trabalho, ou seja, se os quadrinhos estão sendo tratados como um texto *per se* ou estão sendo usados como pretexto para ensinar algum aspecto gramatical da língua. Vale ressaltar que existem casos em que há um uso “misto” do quadrinho. Ele vem acompanhado de uma série de atividades sobre a estrutura da língua, sendo que a última é quase sempre: *Explique o humor do texto* ou alguma coisa que o valha. Os casos de uso misto foram computados como sendo Ensino de Gramática. Totalizando o número de quadrinhos por tipo de atividade, obtiveram-se os seguintes resultados:

LIVRO	ENSINO DE TEXTO	ENSINO DE GRAMÁTICA
Abaurre <i>et al</i> , 2008	15	64
Alves; Martin, 2010	11	08
Cereja; Magalhães, 2009	10	45
Sarmiento; Tufano, 2010	08	55

Tabela 1 – Número de atividades com quadrinhos por tipo de objetivo
 Fonte: ABAURRE *et al*, 2008; ALVES; MARTIN, 2010; CEREJA;MAGALHÃES, 2009;
 SARMENTO;TUFANO, 2010.

Em que pese a exiguidade do *corpus* observado, os dados quantitativos, apesar de sua simplicidade, apontam para o fato de que, nessa amostra, os quadrinhos estão sendo usados principalmente para ensinar gramática. Antes de entrar no aspecto qualitativo da questão, é importante perguntar se isso é interessante para o ensino da gramática e para os quadrinhos. Será que uma tirinha, por exemplo, que é o gênero mais utilizado nos livros observados, por ser tendencialmente curta, por ter um desfecho inesperado, por fazer uso intenso de inferência, por apostar mais no conhecimento compartilhado do que na explicitação de informações (cf. RAMOS, 2011, p.207-208), constituiria o melhor contexto para a análise de aspectos gramaticais como os que se observam nos exemplos abaixo?



Figura 2 – Tira de F. Gonsales, usada em livro didático para ensinar a morfossintaxe do sujeito Local - São Paulo: Atual, 2009. p.94.
[CEREJA; MAGALHÃES/Todos os Direitos Reservados]

Reescreva as frases a seguir, substituindo por pronomes oblíquos os termos destacados.

- Dois **pessoas** se perderam na montanha. As equipes de resgate encontraram bem distante da cidade. ... *encontraram-nas...*
- Corremos atrás das **crianças**, mas não conseguimos pegar *pegá-las.*
- Antes não queriam **nossa colaboração**, agora, imploram *imploram-na.*
- Os **meninos** estão na sala ao lado; se vocês precisarem de ajuda, chamem *chamem-nos.*
- Meu **irmão** é agitado. Qualquer brincadeira põe em polvorosa. ... *põe-no.*
- Guardam as **sobras de comida** e dão para o cachorro. ... *dão-nas.*
- Queriam a **verdade**. Dissemos com todas as letras. ... *Dissemo-la.*

Reescreva a fala do balão do 2º quadrinho da tira abaixo, completando-a com o pronome oblíquo adequado. Observe o contexto e faça as adaptações necessárias. *desgrudá-lo*

!'. Panel 3: The man is cooking an egg."/>

Figura 3 – Tira de A. Iturrusgarai, usada em livro didático para exercitar o uso de pronomes Local - São Paulo: Atual, 2009. p.164.
[CEREJA; MAGALHÃES/Todos os Direitos Reservados]

Por outro lado, será que a constante associação entre os quadrinhos e a seção de gramática do livro didático é uma boa estratégia para a formação de novos leitores?

Os dados qualitativos, por sua vez, dizem respeito à questão: *Como os quadrinhos estão sendo usados no livro didático?* Ou seja, ela tem a ver com a pertinência do uso dos quadrinhos para as atividades propostas. Como se viu na seção anterior, há muitos casos em que se observa uma certa falta de bom senso no uso dos quadrinhos, uma vez que são utilizados, como já se disse, de maneira duplamente equivocada: ou para atividades que não exploram as potencialidades de leitura do gênero ou como contexto insuficiente para

depreensão de regras de gramática que requerem textos com maior extensão e com informações mais explícitas.

Há, como também se esperava, por outro lado, uma série de atividades nos livros que exploram adequada e criativamente os recursos de leitura que o gênero oferece. Há em Abaurre e outros (2008, p. 400-4006), por exemplo, uma seção intitulada *Procedimentos de leitura II: como ler nas entrelinhas*, dedicada a mostrar como o sentido do quadrinho é construído a partir de informações que não estão explícitas e que dependem de ativação de conhecimento de mundo, de articulação de leitura verbal e visual, de estabelecimento de relações intertextuais, entre outras estratégias.

E mesmo quando usado como pretexto, há casos em que isso é feito com muito senso de oportunidade, tirando proveito de algum aspecto linguístico que o próprio quadrinho evidencia, o que se pode observar nos dois exemplos a seguir.



Figura 4 – Tira de Jean, usada em livro didático para exemplificar o uso do hífen Local - São Paulo: Moderna, 2010. p.309.
[SARMENTO; TUFANO/Todos os Direitos Reservados]

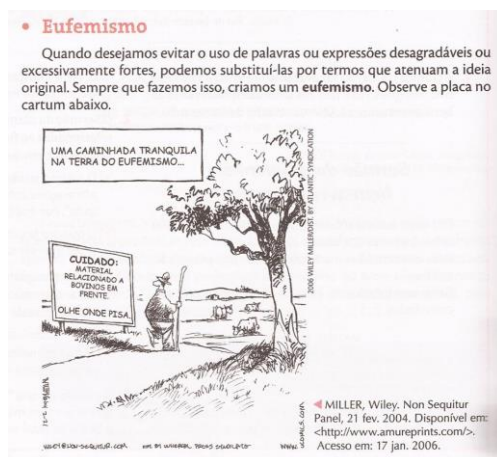


Figura 5 – Cartum de Miller, usado em sala de aula para exemplificar o uso de eufemismo Local - São Paulo: Moderna, 2008, v.1, p.302. [ABAURRE *et al*/Todos os Direitos Reservados]

Para encerrar esta seção, serão retomadas algumas reflexões de Luiz Antônio Marcuschi (1996, 2008) sobre compreensão textual. Parafraseando o autor, pode-se dizer que há *falta de horizonte* na compreensão textual, quando apenas se repete ou copia o que está dito, como se ali houvesse apenas informações objetivas. O *horizonte mínimo* ou *leitura parafrástica* acontece quando se repete com outras palavras as informações contidas no texto. O *horizonte máximo*, por sua vez, é vislumbrado quando se propõem *atividades inferenciais*, ou seja, atividades de geração de sentidos pela reunião de informações do próprio texto, ou pela introdução de informações não contidas no texto, mas que são pertinentes ao processo de compreensão. A busca do horizonte máximo de compreensão não se limita à paráfrase nem se reduz à repetição, mas consegue ler o que há nas entrelinhas, possibilitando o treinamento do raciocínio lógico, do raciocínio prático, do raciocínio estético, crítico e outros tipos de raciocínio. Há ainda o *horizonte problemático*, que ocorre quando a compreensão extrapola demasiadamente as informações do texto e investe excessivamente em conhecimentos pessoais, e o *horizonte indevido*, que ocorre quando a compreensão não se alinha com o texto, que significa que se adentrou a área da *leitura errada* (MARCUSCHI, 2008, p. 257-260).

Consideram-se essas noções pertinentes para fechar essa pequena amostra da análise de 216 atividades com quadrinhos propostas pelos quatro livros didáticos. Observou-se que, em cerca de um quarto desse total, ou seja, 54 atividades, elas apontam para a falta de horizonte, para o horizonte mínimo ou mesmo para o horizonte indevido. As de horizonte estreito são as atividades mecânicas, voltadas para o reconhecimento de informações óbvias, que chegam a ser quase um desrespeito à criatividade do autor do texto e à inteligência do aluno. As de horizonte indevido são aquelas que propõem atividades que se diria incompatíveis com o

ensino de certos tópicos gramaticais, principalmente pela inadequação do contexto à complexidade da tarefa.

Olhando pelo lado positivo, alguns livros analisados investem no horizonte máximo da compreensão do texto em quadrinhos; a maioria das atividades, neles propostas, respeita as características constituintes dos quadrinhos e delas sabe fazer um uso adequado ao ensino do texto e da gramática.

Mas isso, contudo, não preenche a desproporção mostrada na tabela entre a quantidade de atividades voltadas para o quadrinho, enquanto texto, e aquelas em que ele é usado como pretexto, tampouco respondem se a associação entre os quadrinhos e o ensino de gramática, a longo prazo, é saudável para as tiras, charges e cartuns – gêneros que visam ao humor e que, no Brasil, ganharam notoriedade, justamente pela crítica ao sistema. Mas isso é assunto para um outro texto.

Considerações finais ou os prazeres dos quadrinhos

Em seu trabalho sobre humor e outros atos criativos, Arthur Koestler (1982) propõe alguns critérios para determinar o valor de uma obra humorística. Parte desse valor é decorrente do gosto e preferência individuais do público; a outra parte é dependente do estilo e da técnica do humorista, o que implica três aspectos: originalidade, ênfase e economia.

Os méritos da originalidade, segundo o autor, são autoevidentes, uma vez que é dela que vem o elemento surpresa, capaz de quebrar a expectativa e provocar o efeito de humor. Mas como a originalidade genuína é muito rara de ser encontrada, ela costuma ser substituída pela ênfase em aspectos estereotipados, hiperbólicos e escatológicos, ou seja, pela simplificação e pelo exagero, que são ingredientes da caricatura. Neste caso, aquilo que é perdido em surpresa é recuperado em emoção.

Outro estilo de humor mais sutil aposta na economia, não no sentido de brevidade pura e simples, mas na dica implícita, em vez da declaração explícita; na alusão oblíqua, em lugar do ataque frontal. Um exemplo desse tipo de humor, para Koestler, seria o cartum do *The New Yorker*, no qual se propõe uma espécie de enigma que o leitor deve decifrar, por meio de inferência e de imaginação, para que possa “ver” a piada. Esse tipo de humor tantaliza,

provoca o apetite e convida o receptor a fazer um esforço de recriação em busca do efeito de humor proposto no ato de criação (KOESTLER, 1982, p. 341-343).

Guardadas as devidas proporções, as respostas dos informantes da pesquisa para a pergunta *Por que você gosta de ler charges, tirinhas, cartuns?*, do questionário *Perfil do Leitor*, aproximam-se das reflexões de Koestler (1982) sobre o prazer de ler cartuns, como se pode ver nos exemplos:

Gosto muito de cartuns, charges e caricaturas, porque sempre me fazem refletir sobre a sociedade (Aluna do curso de Gastronomia).

Tirinhas e charges são engraçadas e transmitem uma mensagem que nos faz refletir (Aluna do curso de Letras).

Acho bastante interessante, me faz pensar, raciocinar; tem sempre uma mensagem maior, camuflada. Isso é que mexe comigo (Aluna do curso de Letras).

São engraçadas, descontraídas e trazem assuntos e críticas atuais de uma forma interessante (Aluna do curso de Serviço Social).

Geralmente tem um humor crítico e uma verdade que requer uma inteligência, um certo esforço que vale a pena (Aluna do curso de Serviço Social).

Algumas são engraçadas, intrigantes, e nos fazem refletir sobre alguns assuntos importantes (Aluna do curso de Serviço Social).

Geralmente são “acidamente divertidas” (Aluna do curso de Serviço Social).

Por ser uma outra forma de linguagem, além de estimular nossa imaginação, inteligência e senso crítico (Aluno do curso de Bacharelado Interdisciplinar com ênfase em Artes).

Acho uma forma inteligente e diferente de representar ou criticar a realidade (Aluno do curso de Bacharelado Interdisciplinar com ênfase em Artes).

As reflexões teóricas de Koestler (1982) e as reflexões empíricas dos alunos sugerem que o prazer da leitura dos cartuns, tiras e charges aproxima-se do prazer de decifrar um enigma, de matar a charada, de sacar a piada. Essas reflexões permitem perceber também a discrepância que existe entre a riqueza de recursos, necessária para a produção/recepção desses textos, e a natureza mecânica e árida de muitas das atividades propostas por livros didáticos para a leitura desses textos.

Este certamente não é o primeiro nem será o último trabalho a criticar o modo como alguns livros didáticos de língua portuguesa ainda ensinam tão pouco sobre palavras (cf. ANTUNES,

2012) e textos, usando-os sempre como pretexto para ensinar outra coisa. Exemplo emblemático disso é o uso do poema *Quadrilha (João amava Teresa que amava Raimundo)*, de Carlos Drummond de Andrade, para ensinar pronome relativo (cf. OLIVEIRA, 2010, p. 177).

Vale ressaltar, como já se afirmou antes, que não se está criticando pura e simplesmente o fato de o livro didático usar textos para ensinar o conteúdo do componente curricular ao qual está vinculado, mas o fato de usá-los *apenas* como pretexto ou usá-los de maneira inadequada. Mostrou-se neste artigo que há livros os quais utilizam os quadrinhos para ensinar o que há de mais mecânico e superficial no estudo da estrutura da língua, o que acaba prestando um triplo desserviço: à própria língua, aos alunos e aos quadrinhos.

Acredita-se, para concluir, que os quadrinhos devem ser lidos pelo simples e puro prazer de ler quadrinhos, mas, se usados como pretexto, isso pode ser feito com maior pertinência, com uma perspectiva mais arejada, ou usando o esquema de Marcuschi (2008), com vistas a horizontes mais amplos. Felizmente esse tipo de uso, pelo menos na amostra analisada, é o que prevalece. Apesar de a maioria de suas atividades com quadrinhos estar voltada para o ensino da gramática, há autores de livros didáticos que compreendem e utilizam a criatividade e a complexidade das tiras, charges e cartuns e, mais importante, acreditam na capacidade do aluno de produzir sentidos e de decifrar o ilustrado enigma.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete; PONTARA, Marcela. *Português: contexto, interlocução, sentido*. São Paulo: Moderna, 2008. v 1.

ALVAREZ, Palmira Virgínia Bahia Heine. Representações discursivas dos baianos em charges e tirinhas. In: Seminários de estudos do discurso: verbal, não-verbal, verbo-visual (SEDIS), 2012, Salvador. *Caderno de resumos...* Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012. p. 51.

ALVES, Roberta Hernandez; MARTIN, Vima Lia. *Língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010 (Projeto Eco Língua portuguesa; v.1).

ANTUNES, Irandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

BARBOSA, Alexandre *et alii* (orgs.). *Como usar as histórias quadrinhos em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.

BRITTO, Luiz Percival Lema. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares. In: GERALDI, J. W. (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens, 7º ano*. 5. ed. São Paulo: Atual, 2009.

EISNER, Will. *Quadrinhos: arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GARCIA, Maurício (org.). *Gestão profissional em instituições privadas de ensino superior*. Vila Velha (ES): Hoper, 2006.

GATTI, Márcio Antônio. Personagens infantis de tiras cômicas em suportes diversos: uma questão de circulação, aforização e estereotipia. In: Seminários de estudos do discurso: verbal, não-verbal, verbo-visual (SEDIS), 2012, Salvador. *Caderno de resumos...* Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012.

IBGE. *Síntese de Indicadores Sociais – 2008*. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 19 nov. 2008.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

KOESTLER, Arthur. The act of creation. In: _____. *Bricks to Babel: selected writings with author's comments*. London: Picador, 1982. p. 321-350.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? *Em Aberto*, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996. p. 64-82.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina*. São Paulo: Contexto; Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1995.

MATRIZ Curricular de Referência do SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica /MEC/INEP. Brasília, 2007.

- McCLOUD, Scott. *Understanding comics: the invisible art*. New York: Harper Collins, 1994.
- MOYA, Álvaro; D'ASSUNÇÃO, Otacílio. Edições maravilhosas: as adaptações literárias em quadrinhos. In: MOYA, Álvaro; CIRNE, Moacy *et alii* (orgs.). *Literatura em quadrinhos no Brasil: acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002. p. 39-79.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola, 2010.
- OLIVEIRA, Mônica Lopes Smiderle de. A construção do humor e a noção de (im)polidez : uma análise de tiras de Mafalda e de mulheres alteradas. In: Seminários de estudos do discurso: verbal, não-verbal, verbo-visual (SEDIS), 2012, Salvador. *Caderno de resumos...* Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012. p. 50.
- PEREIRA, Luciana de Araújo. O perfil feminino no discurso da personagem Mafalda. *Caderno de resumos do Seminário de estudos do discurso (SEDIS)*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012.
- PIRACICABA: 30 anos de humor. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Instituto Memorial de Artes Gráficas do Brasil, 2003.
- RAMOS, Paulo. *Histórias em quadrinhos: um novo objeto de estudos*. Estudos Linguísticos XXXV. 2006. p. 1574-1583. Disponível em: www.gel.org.br. Acesso em: 15 mar. 2013.
- _____. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. *Faces do humor*. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.
- SARLO, Beatriz. La escuela en crisis. In: *Tiempo presente: notas sobre el cambio de una cultura*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.
- SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. *Português: literatura, gramática, produção de texto*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2010. v.1.
- SILVA, Alba Valéria Tinoco Alves Silva. Lendo as entrelinhas da imagem: reflexões sobre o verbal, o não-verbal e o verbo-visual na produção do humor dos cartuns. In: Seminários de estudos do discurso: verbal, não-verbal, verbo-visual (SEDIS), 2012, Salvador. *Caderno de resumos...* Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012. p. 28.

SOUZA, Jacilene da Silva. A construção discursiva da baianidade em charges e tirinhas. In: Seminários de estudos do discurso: verbal, não-verbal, verbo-visual (SEDIS), 2012, Salvador. *Caderno de resumos...* Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012. p. 31.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Texto enviado em Abril de 2014.
Texto aprovado em Junho de 2014.